



www.unilab.edu.br

UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS-CAMPUS DOS MALÊS, BAHIA
LICENCIATURA EM LETRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

PALESTRAS SOCIOLINGÜÍSTICAS_OUTUBRO 2020

Palestra 6

“Alfabetização com e sem teoria: contrapondo teorias com práticas”

Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari
(Universidade Estadual Paulista-UNESP)



Data: 20/10/2020

Horas: 18h00-20h00

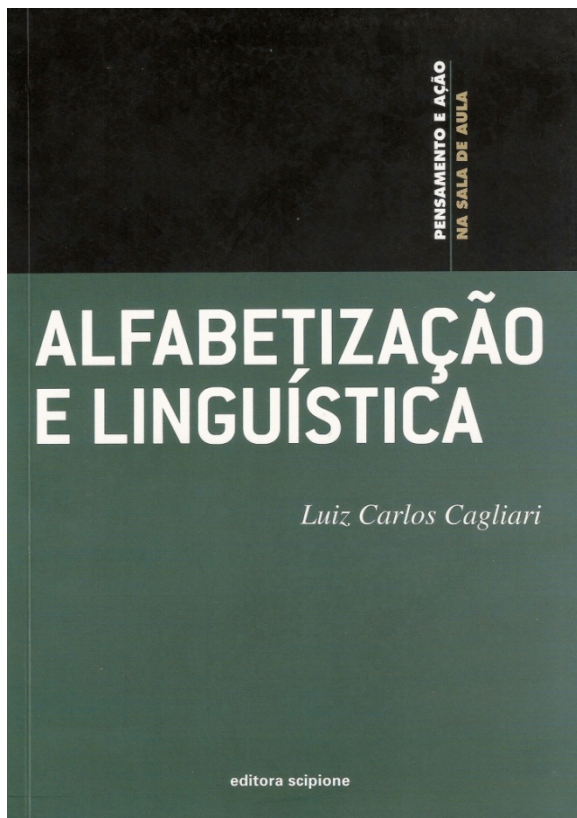
Certificado: 2h

Para receber o certificado deverá enviar um email com o nome completo, nome da Instituição e nº da matrícula para: tinrimetaafrica@gmail.com até às 14h do dia 20/10/2020.

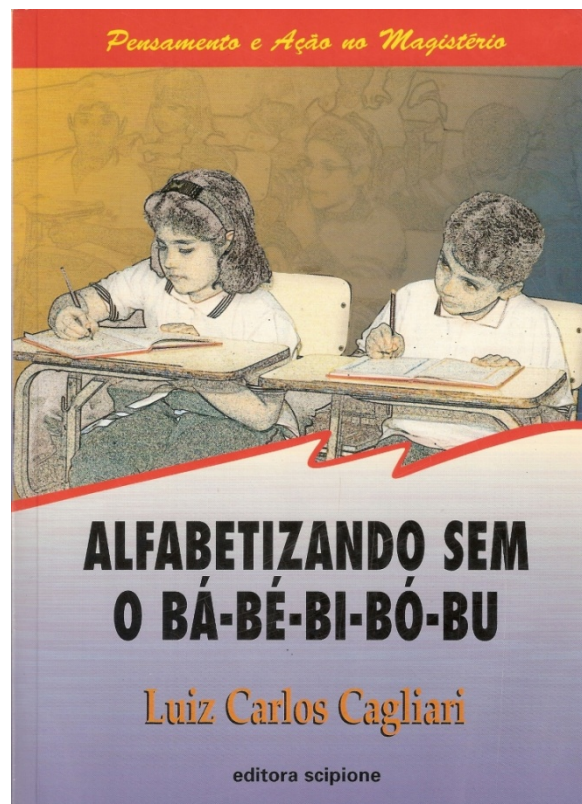
Promoção: GRUPA-Grupo de Estudos sobre a Alfabetização (UNESP) e Grupo de Pesquisa África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global (UNILAB)

Organização: Prof. A. A. Timbane
<http://timbane.blogspot.com/>

Link de acesso: meet.google.com/fdz-vnev-gih



1989



1998



1999

Chegando

- A pandemia veio mostrar como o professor é importante, como a escola é importante na educação de um povo, como educar em casa é complicado. A pandemia pôs em cheque muitas ideias pedagógicas, muitos objetivos educacionais e mostrou novos caminhos e novas possibilidades de ensinar e de aprender.

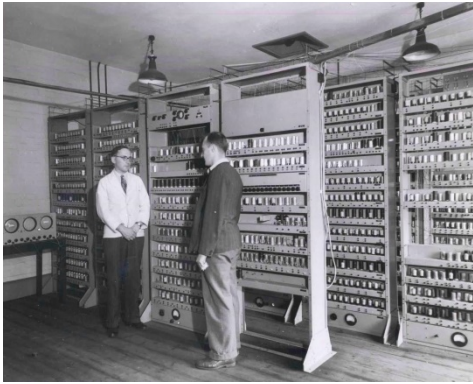
Do tablete.... ao papiro.... ao tablet
Da máquina de escrever..... ao telefone
Do computador..... ao celular



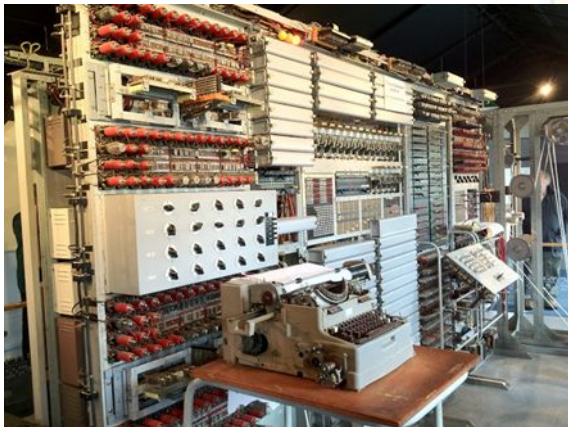
Tablet DL Drop Kids 8GB 7 Wi-Fi
Android 5.1 – Proc. Quad Core



Escrever e Ler de diferentes maneiras



Drive da IBM com 120 petabytes



Enigma



Colossus: primeiro computador elétrico, digital e programável

I hear babies cry,
I watch them grow.
They'll learn much more
Than I'll never know.
And I think to myself:
What a wonderful world!

Eu ouço bebês chorando,
Eu os vejo crescerem.
Eles aprenderão muito mais
Do que eu jamais aprenderei.
E eu penso comigo:
Que mundo maravilhoso!

<https://www.letas.mus.br/louis-armstrong/2211/>.



- Eu gostaria de ir direto a esse mundo novo, pensando numa escola nova.
- Entretanto, ainda estamos pensando em que fazer daqui para frente. O salto é muito grande. Por isso, abrir os olhos no presente para enxergar o futuro.
- O presente é o que recebemos quando a pandemia chegou. Já conhecíamos velhos e tradicionais problemas escolares.
- Todavia, para resolvê-los mesmo no contexto atual, é preciso voltar a entender o que havia de certo e o que havia de errado.
- Então, vou me dedicar a falar um pouco sobre “Alfabetização com e sem teoria: contrapondo teorias com práticas”.

- Antes de mais nada, para evitar mal-entendidos, é preciso deixar claro que a alfabetização é apenas uma das atividades escolares do Ensino Fundamental.
- Como lugar de formação escolar, a escola tem outros objetivos também.
- Porém, a alfabetização é o maior e mais importante objetivo de todo o processo escolar de uma nação.

- A alfabetização tem uma longa história.
- A escrita foi inventada com um método de alfabetização.
- Por isso, todos os sistemas de escrita têm uma chave de decifração.
- Se um sistema é fechado, ele não tem utilidade social: as pessoas não vão saber ler nem escrever. E a escrita se torna inútil.

Escritas não decifradas

Disco de Faístos, encontrado na Ilha de Creta. c. 1.900 – 1.400 a.C.

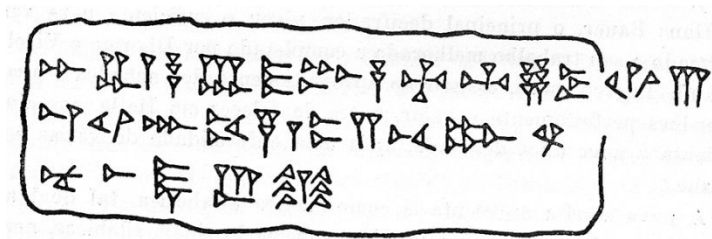


Escrita Rongorongo, em Rapa Nui, encontrada na Ilha da Páscoa. Cerca de 1660 d.C.



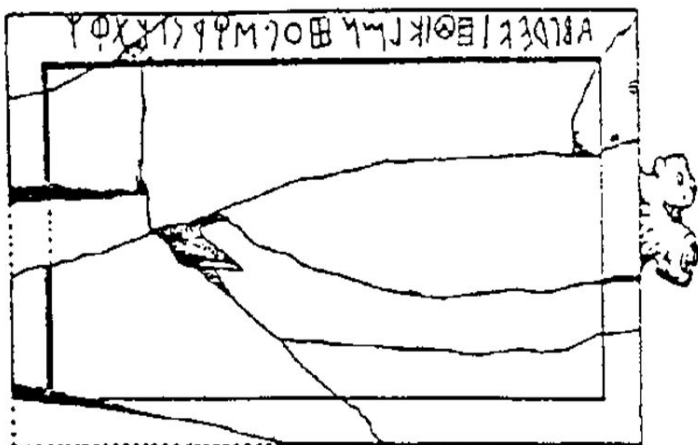
O sistema de escrita maia não foi total e satisfatoriamente decifrado.

- Apesar das dificuldades, mesmo sistemas que pareciam estranhos foram decifrados.
- Se alguém quiser aprender uma escrita, precisa se apoiar em noções linguísticas.
- Quando erros teóricos e práticos tornam-se material escolar, o processo de alfabetização sofre enorme dano.



Alfabeto cuneiforme

Lição suméria de alfabetização

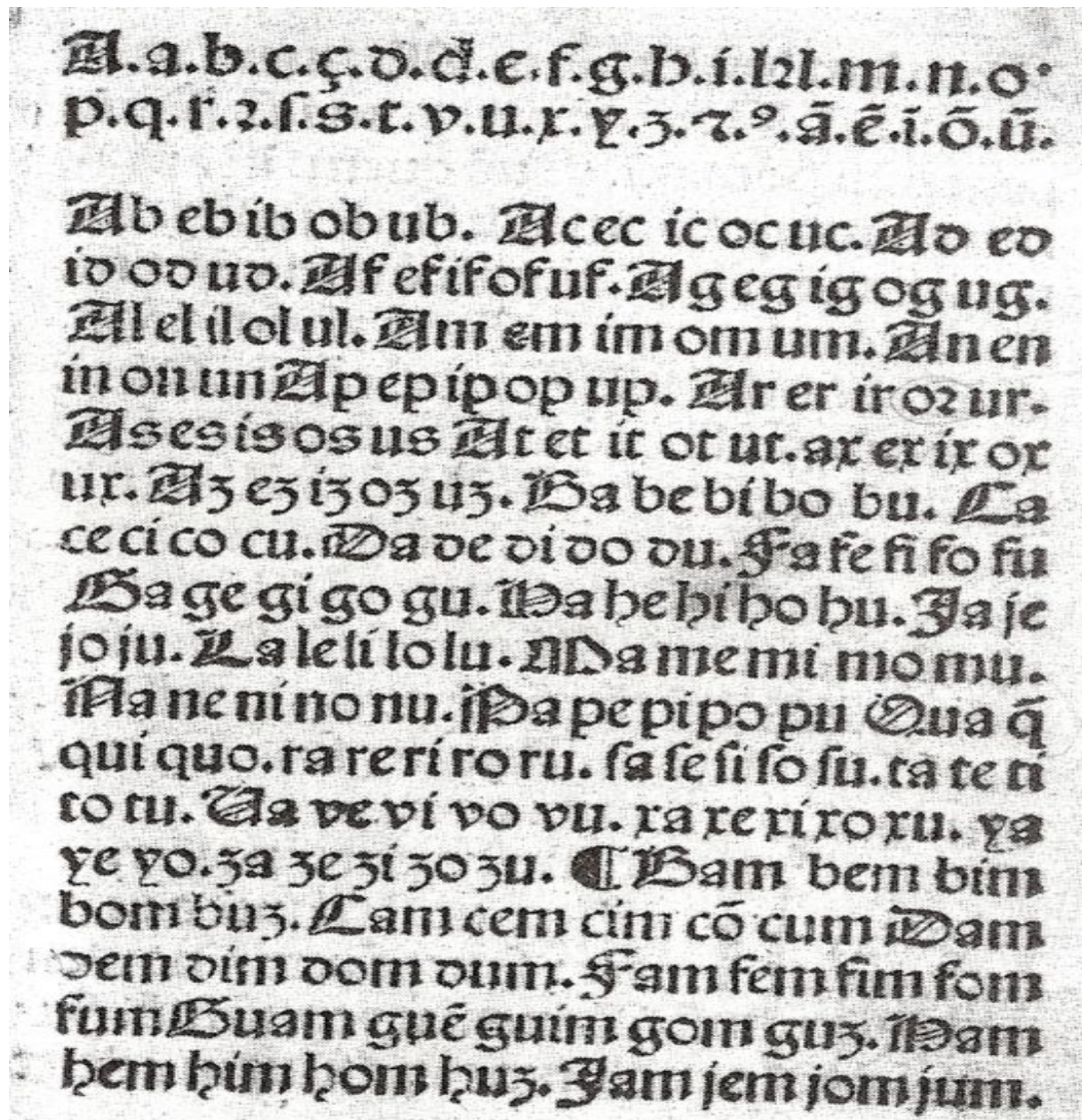


Exercício grego de alfabetização



Jarro Etrusco com o alfabeto

Uma das primeiras cartilhas



Cartilhas modernas



barriga
ba

Se não a barriga do bebê.

ba **ba**

ba ba ba ba ba
ba ba ba ba ba
ba ba ba ba ba

Cartilha de escrita

ba ba ba ba ba
ba ba ba ba ba
ba ba ba ba ba

ba ba ba ba ba



Syllables.

Ba,	bo,	bi,	bo,	bu.
Ca,	co,	ci,	co,	cu.
Da,	do,	di,	do,	du.
Fa,	fo,	fi,	fo,	fu.
Ga,	go,	gi,	go,	gu.
Ha,	ho,	hi,	ho,	hu.
Ja,	jo,	ji,	jo,	ju.
Ka,	ko,	ki,	ko,	ku.
La,	lo,	li,	lo,	lu.
Ma,	mo,	mi,	mo,	mu.
Na,	no,	ni,	no,	nu.
Pa,	po,	pi,	po,	pu.
Qua,	quo,	qui,	quo,	qu.
Ra,	ro,	ri,	ro,	ru.
Sa,	so,	si,	so,	su.
Ta,	to,	ti,	to,	tu.
Va,	vo,	vi,	vo,	vu.
Xa,	xo,	xi,	xo,	xu.
Za,	zo,	zi,	zo,	zu.

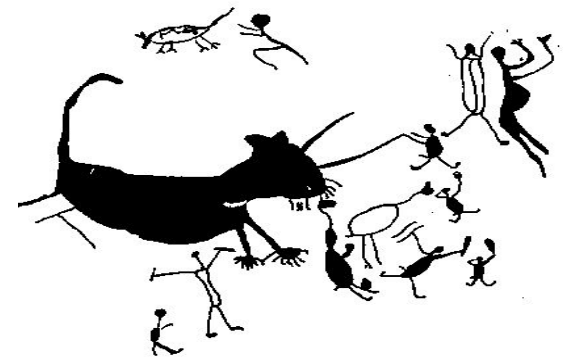


- Conhecer a história da escrita permite traçar quais questões teóricas foram privilegiadas.
- Podemos classificar essa história em etapas:
 - 1. Desenho em cavernas.
 - 2. Marcas em objetos: números em ossos.
 - 3. Números e figuras (uma frase?)
 - 4. Escrita ideográfica: figuras representando palavras.
 - 5. Escrita fonográfica: desenhos representando sons de palavras.
 - 6. Controle da variação através da ortografia.

- Essa classificação mostra que:
 - 1. A escrita começou representando o mundo real através de figuras que podiam ser “lidas”.
 - 2. A leitura mostrou o segredo a escrita. Alguém podia descobrir uma palavra ou uma história apenas vendo representações abstratas através de figuras e de desenhos.
 - 3. Passar de uma coisa real para um esquema de figura representa uma abstração.
 - Passar de uma imagem para uma palavra é uma nova abstração.
 - Na linguagem, tudo é abstrato. Até o significante é uma representação abstrata. A fala e a representação gráfica são concretos, mas, em si, não são linguagem.

A História da Escrita

A escrita não se originou dessas pinturas, mas elas serviram para ajudar o homem a representar o mundo fora de sua mente.



História da Escrita: um resumo

- Memória fora do cérebro.
- Instrumento de fácil uso.
- Teoria dos sistemas de escrita:
 - Signo: $L = \text{Som} + \text{Significado}$.
 - Unidade básica: palavra.
 - Tipos: ideográfico e fonográfico.
 - Função da escrita: permitir a leitura.
 - Uso da escrita: cada um lê em seu dialeto.
 - Ortografia: neutraliza a variação linguística.
 - Redefine o valor alfabético das letras (caracteres).

Escala de abstração na escrita

- As figuras perdem o valor próprio quando viram signos: figura + palavra.
- Um novo grau de abstração leva o ideograma primitivo a representar ideias + sons, ou seja um signo linguístico.
- Se a escrita representa palavras (signos linguísticos) tanto faz ter na representação escrita figuras ou desenhos abstratos.
- A independência gerada pela abstração da representação levou a escrita para um grau mais alto de abstração através dos caracteres (idográficos ou fonográficos).

- Assim, a escrita é fruto de um processo de várias etapas de abstração, a partir do objeto no mundo real.
- Isso só é possível porque temos a linguagem oral que, por sua vez, é também uma abstração do mundo real.
- É um construto da mente.
- Só funciona nas máquinas chamadas mente.

Que língua a escrita vai representar?

- Inventado um sistema de escrita, seu uso logo deparou com um sério problema:
- Todas as línguas têm variantes (fonéticas e semânticas), fruto da evolução das línguas.
- Mesmo escolhendo uma variedade de uso culto, como lidar com a questão da variação na representação das palavras?

- As escritas arcaicas do Português, certamente, representavam uma variedade culta da língua. Essa variedade, hoje, já não é mais usada.
- Se misturássemos Português arcaico com moderno, nosso sistema de escrita ficaria muito caótico e estranho.



Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo?

Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?

Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs connigo?

Por quê Ortografia?

- Para que a escrita não varie (muito) e possa durar muito tempo, mesmo depois que a língua sofreu sérias modificações, a escrita criou regras que definem como as palavras precisam ser escritas (não lidas!).
- Desse modo, criou uma ortografia que permite que os falantes de diferentes dialetos leiam no próprio dialeto ou em outro conhecido.

Revendo pontos principais:

- 1. Escrita representa a fala não o mundo.
- 2. Escrita é processo de abstração da fala.
- 3. A unidade básica é a palavra, assim como a unidade básica da fala é o signo linguístico.
- 4. A ortografia neutraliza a variação da fala na escrita.
- 5. A ortografia é o grau mais elevado de abstração no uso da linguagem.

Alfabetizando com teorias

- A linguagem se presta à criação de teorias explicativas.
- Na verdade, tudo o que está na mente se presta a criação de teorias...
- Quando as pessoas (inclusive acadêmicas) não sabem, elas inventam qualquer explicação que acham “razoável”.
- Isso não é fazer ciência!

- O construtivismo psicogenético é um bom exemplo de como se explicam fatos de escrita na alfabetização, sem dizer a verdade, apoiando-se apenas em noções linguísticas populares equivocadas como, por exemplo, a noção de sílaba e a formulação de hipóteses pelas crianças.

- A prática pode gerar uma teoria, mas é a teoria constituída que vai justificar a tal prática.
- Explicações que entram em choque com as explicações linguísticas causam mais problemas do que ajudam.
- Quando viram métodos de ensino, são catastróficas.

- A alfabetização conta com teorias antigas e modernas chamadas “métodos” (cartilha, fônico, silábico, logográfico, visual, estruturalista, construtivista, linguístico, montessoriano, da abelhinha, Caminho Suave, Sodrê, Método Português, Cartilha Maternal, etc. etc.
- A razão pela qual há tantos “métodos” é a falta de uma teoria consistente, tratando de um assunto que é muito complexo e de difícil implementação.

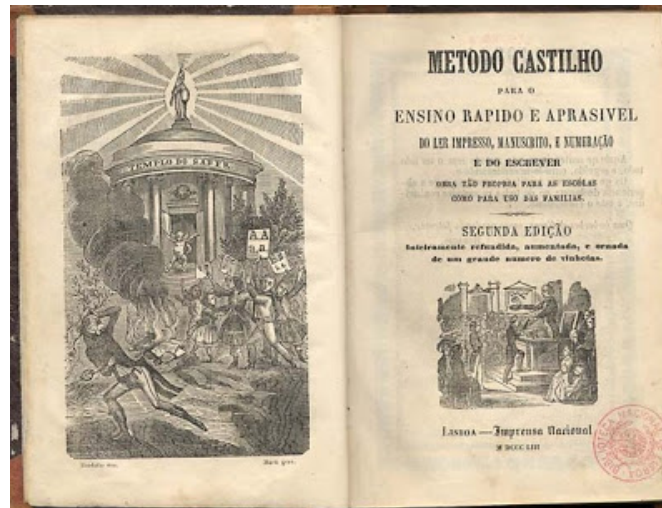
- Mais do que qualquer método, quando não há imposição trabalhista metodológica sobre a ação do professor, prevalece o que ele sabe teoricamente e o que aprendeu com sua experiência de trabalho.
- Na história da alfabetização, o que mais se viu de metodologia de sucesso, de acordo com professores antigos e novos é o bom-senso, associado a explicações de momento.
- Paulo Freire é um bom exemplo,.

Dentro da sala de aula

- Faz muita falta saber o que acontece, de fato, nas salas de aula. Dentro das escolas públicas, há pouca liberdade de ação metodológica.
- O que é isso, realmente? Quem sabe dos problemas de ensino e de aprendizagem na sala de aula, além do próprio professor?
- Muita gente dá receitas, mas poucos fazem o que indicam.
- Provas impostas e estatísticas direcionadas servem ao governo e não ao professor, ao aluno, à Educação.
- Avalia-se o resultado final (nota), não o processo.



1895 - 1ª ed.
1945- 48 ed.



António Feliciano de Castilho (1800-1875)

- Antes, o professor inventava uma cartilha. Hoje, uma lei inventa um tipo de professor reprodutor de método.
- O professor precisa ter autonomia. Precisa aplicar sua capacidade criativa para ter bons resultados.
- Isso não quer dizer que o professor possa fazer qualquer coisa de qualquer jeito e que está tudo bem.
- Pelo contrário: quanto mais liberdade for dada ao professor, mais responsabilidade ele terá para alcançar os objetivos educacionais escolares onde trabalha.

- Quem seria um bom professor hoje?
- Quem é o professor alfabetizador na sociedade brasileira de hoje?
- Uma análise detalhada do que acontece com as políticas educacionais, com os livros didáticos, com a formação dos professores, com seus salários, e com o que acontece nas salas de aula deixa claro o bem e o mal da alfabetização numa sociedade como a brasileira.

- A pandemia com isolamento social veio mostrar também as condições precárias de vida de muitos professores do Ensino Fundamental e, pior ainda, de seus alunos...
- É comum o professor não ter um bom computador com programas atualizados, uma Internet que funcione, um celular que permita usar certos APPs e plataformas educacionais, etc.

Perguntas e respostas

- O exposto anteriormente mostrou um caminho linguístico para que um professor possa desempenhar bem seu trabalho de alfabetizar.
- Fica óbvio que toda teoria e prática escolar que não leva em conta a Linguística Moderna está trabalhando errado.
- Seria muito longo discutir caso a caso, teorias sofisticadas, porém erradas em grande parte...

- Porém, há algumas perguntas que costumam me fazer direcionadas para pontos de discordância e cujas respostas não costumam agradar a todos.
- Vou responder mais uma vez às principais questões que aparecem naquelas perguntas.
- Com essas poucas questões, ficará claro o que penso, porque não concordo e porque disse tudo o que veio antes nesta apresentação.

P-1. As cartilhas são bons livros de alfabetização?

- R-1. Em primeiro lugar, cartilhas não são livros, mas apontamentos para que um alfabetizador tenha um guia geral e organizado para conduzir um processo de alfabetização.
- R-2. Quando os professores ficaram sem formação necessária para alfabetizar só com as cartilhas, foram inventados os Manuais do Professor das cartilhas. Porque esses professores não sabiam o que fazer com as cartilhas.

P-2. O Ba Be Bi Bo Bu funciona?

- R-1. Para os sistemas de escrita fonográfica (parte do som para o significado das palavras), estudar as letras através das sílabas é o método tradicional das cartilhas e dos professores. Nenhum alfabetizador pode prescindir disso.
- R-2. Silabar ajuda o professor a criar estratégias metodológicas. Afinal, todos os falantes sabem silabar com grande facilidade:
 - PI RA CAN JU BA: dá para contar nos dedos...

- R-3. Há diferentes modos de abordagem do estudo das sílabas:
 - Através de quadros das sílabas (Ba Be Bi Bo Bu)
 - Método inadequado. Bom para consulta.
 - Típico do método cartilhesco.
 - Baseado na memorização.
 - Através da análise fonética das sílabas: $BA = B + A$
 - Método inteligente de associar Consoantes e Vogais através de regras.
 - É um método de interpretação linguística.

P-3. O método fônico funciona?

- R-1. Entender a relação entre fala e escrita é fundamental. Porém, a escrita é fixa e a fala tem variantes fonéticas dialetais que mudam as relações entre letras e sons:
 - Sons da letra A:
 - *Ana*: dois As diferentes: ã – a
 - *Lã, Ana*: dois modos diferentes escrever o som ã
 - *Caixa*, falado “kacha”, mas escrito com AI.
 - *Acharam*, falado “acharu”: a letra U será escrita com AM
 - *Achamos*, falado “achemu”: a letra E será escrita com A

- R-2. O método fônico não funciona quando não leva em conta a variação linguística.
- R-3. Quando leva em conta a variação linguística, deixa de ser um “método fônico” e passa a ser um “método ortográfico”.
- R-4. Todo trabalho de alfabetização precisa mostrar como a fala, o alfabeto e a ortografia funcionam de modo integrado.

P-4. O que é a consciência fonológica?

- R-1. O que se chama de “consciência fonológica” entre os alfabetizadores é uma noção errada. Salva-se a referência à “consciência”, como uma atividade mental e linguística que procura saber como a fala e a escrita se relacionam.
- R-2. A menção à “consciência” refere-se a saber regras de leitura e de escrita. Mas, que regras?
- R-3. O termo “fonológica” tem sido usado referindo-se a “som da fala”. A Linguística Moderna abandonou esse sentido. Hoje, a fonologia estuda os sistemas fonológicos e não apenas os sons que uma letra tem de acordo com uma gramática tradicional.

- Por exemplo: na palavra BOLA, a letra O tem o fonema /ó/. Na palavra BOLO, o primeiro O tem o fonema /o/ que tem como alofone [ô] e o segundo O tem o fonema /o/ e o alofone [u] (na fala:[bolu]). A palavra OURO tem os fonema /owro/ e os alofones [oru].
- Essa é uma análise fonológica que os linguistas fazem.
- Mesmo assim, é difícil admitir que todo falante tem consciência fonológica do sistema da língua. Eles usam a língua automaticamente.
- Um usuário da escrita não tem consciência fonológica de como as letras se relacionam com os sons e como isso se estrutura em palavras.

P-5. Existe um sistema que relaciona letras e sons da fala?

- R-1. Sim: é o sistema ortográfico, estabelecido como forma fixa de encaixar as letras em palavras de modo único, produzindo uma representação vocabular fixa para todas as palavras da língua.
- R-2. A variação dialetal pode mostrar que essa relação é muito complicada porque a escrita permanece fixa e a fala da palavra varia entre os falantes.
- R-3. Poderíamos até dizer que, na sociedade, há várias “línguas” conversando entre si. As pessoas são falantes de um e ouvintes de todas.

- R-4. Como a ortografia é um sistema fixo, nem todas as relações entre letra e som se mantêm para todas as ocorrências semelhantes. A história da ortografia e da língua estão continuamente mudando essa relação.
 - ÇAPATO / SAPATO; ADEPOIS / DEPOIS; FROR / FLOR...

P-6. O que está errado no construtivismo?

- R-1. Piaget foi um bom psicólogo em seu tempo, mas um péssimo linguista. Seus experimentos para mostrar a evolução da aquisição do pensamento foram desastrosos. Como a linguagem é toda abstrata, as crianças não vão adquirir essa habilidade mais tarde, a partir dos sete anos, pois aprendem o sistema e o uso da linguagem, nos seus fundamentos, até os três anos e através da interação social.

- R-2. Os primórdios da aquisição do pensamento está associado à aquisição da linguagem. Portanto, cabe à aquisição da linguagem oral e não à psicologia o que acontece, como acontece e quando acontece.
- R-3. O grande problema surgiu com os experimentos de Piaget. Mesmo sem intenção, Piaget enganava as crianças para esperar respostas que cabiam em sua teoria. Os mesmos experimentos com formulações diferentes das perguntas levam a respostas diferentes.

- Vou dar um exemplo:
- quando se desenhavam várias árvores e se perguntava à criança qual árvore é mais velha (problema de tempo...), a criança vê uma árvore grande e diz que é aquela. Na verdade, a resposta esperada por Piaget era que a árvore mais velha era a que foi desenhada primeiro.

- R-3. De Piaget a Emília Ferreiro, os procedimentos metodológico não mudaram muito.
 - Exemplo: pede-se a uma criança analfabeta para dizer uma palavra. Depois, para escrevê-la... (sic!!!). A criança faz bolinhas dizendo as sílabas (coisa que ela sabe fazer). A conclusão: a criança analfabeta acha que a escrita é feita com bolinhas. A criança não sabe escrever, então, não sabe como fazer. A única saída de boa educação é rabiscar alguma coisa. Na verdade, a criança nem sequer é levada a escrever sílabas com bolinhas, porque isso pode ser apenas uma coincidência.

- R-4. A partir daí, os estágios de desenvolvimento são condicionados pelo método e não motivados pelo conhecimento linguístico de como a fala e a escrita funcionam.
- R-5. A teoria de Emília Ferreiro foi estabelecida a partir de dados de crianças que se alfabetizavam com o Ba Be Bi Bo Bu, de onde os erros vêm dessa metodologia e não das hipóteses das crianças.
 - As crianças aceitam qualquer explicação. Se ensinar com metodologia linguística, os erros das crianças se misturam na teoria de Emília Ferreiro e não mostram nenhum caminho psicogenético.

- R-6. Emília Ferreiro baseou-se na ideia de que a escrita egípcia antiga era silábica (por causa dos trabalhos de Gelb). Na verdade, a escrita egípcia antiga era consonantal, como são até hoje as escritas semíticas (hebraico, árabe...).
- R-7. O construtivismo usa uma definição de sílaba inventado por eles e que não tem correspondência na Linguística Moderna.
- Os professores transformaram a teoria de Emília Ferreiro em método de alfabetização. A partir de então, passaram a fazer com que as crianças errem para verem a teoria dar certo na prática.

Outras explicações

- R-8. Há várias razões pelas quais um alfabetizando escreve LT para LATA (etc...)
 - Se o aluno silaba: LA-TA repetindo: LA-TA, LA-TA... e conhece o La Le Li Lo Lu, sua percepção enfatiza o L e ele escreve o L. Depois faz o mesmo com o Ta Te Ti To Tu, e escreve o T: LT.
 - Se o aluno, em vez de repetir as sílabas, prolongar a fala: Laaaa Taaaa... o que percebe como mais saliente são as vogais das sílabas. Ele escreve AA.
 - Apesar de absurda, a professora pergunta se a gente escreve com letras iguais. O aluno acha que a professora está reclamando. Então, escreve AE ou AT ou mesmo SP que viu escrito na sala; ou mesmo: OMPSTUZ.
 - Tudo por causa de uma pergunta mal formulada...

R-9. O que o construtivismo chama de estágio silábico-alfabético ou alfabético são rótulos estranhos porque se referem a uma escrita que vai em direção à ortografia e não tem nada de silábico nem de alfabético.

R-10. O construtivismo não sabe o que é a ortografia e, por isso mesmo, não sabe ensinar, esperando que os alunos descubram por si mesmos... Isso não é justo e facilmente desanimam as crianças no começo.

P-7. Contradições da teoria construtivista

- R-1. O construtivismo apega-se a uma ideia de construção interna do conhecimento que ocorre quando há interação entre o indivíduo e outros indivíduos e o ambiente sociocultural.
- É uma ideia interessante.
- R-2. A partir daí, o desenvolvimento cognitivo vai por “etapas”: do mais “simples” para o mais “complexo”.
- Essa questão é questionável.
- Se a mente aprendesse por “etapas” bem definidas, seria possível fazer com que todos aprendessem as mesmas coisas, do mesmo jeito, nas mesmas circunstâncias. Isso é impossível de acontecer.

- R- 3. Como é evidente que cada um aprende segundo seu “metabolismo” mental, o construtivismo negou o ensino, deixando toda a responsabilidade de implementação do conhecimento a cargo do aprendiz. Também tirou o professor da sala de aula, transformando-o em um agente, aplicador, etc.
- R-4. Se há um caminho definido, por que não se pode ensinar? Ensinar é um dos processos mais sofisticados de interação mental: sai de uma mente e vai para outra.
- R-5. Descobrir tudo por si é perder o que a interação tem de melhor. E a pessoa pode não achar o que esperam que ela ache!!!

- R-6. Assim, chegamos a uma questão que contrapõe o construtivismo com uma outra teoria de base linguística cognitivista que diz que, através da linguagem, como numa montagem de Lego, cada pessoa constrói sua base mental cognitiva através de caminhos diferentes, chegando a resultados diferentes, com definições mentais de conhecimento absolutamente individuais. Nas mesmas circunstâncias, uma pessoa não aprende do mesmo jeito do que as demais, nem aprende as mesmas coisas numa ordem pré-estabelecida, mas de forma pessoal.

- R-7.O compartilhamento social de conhecimentos só ocorre com uma interação social da linguagem, quando uma pessoa fica sabendo o que outras pessoas pensam, quando um valor sociocultural é aceito pelo indivíduo. Mas, ele pode não aceitar e pensar diferentemente das outras pessoas.

- R-8. O construtivismo não apresenta uma linguagem inata aberta à construção, mas uma planta de construção mental do conhecimento, sem opção de modificações e de retoques.
- De certo modo, nega a liberdade mental das pessoas, negando, assim, a própria natureza humana de seres racionais. Além disso, nega a inteligência criativa que é a definição da racionalidade.
- Há um problema filosófico a ser considerado, assim como um problema linguístico da natureza humana como seres racionais.

Algumas Conclusões

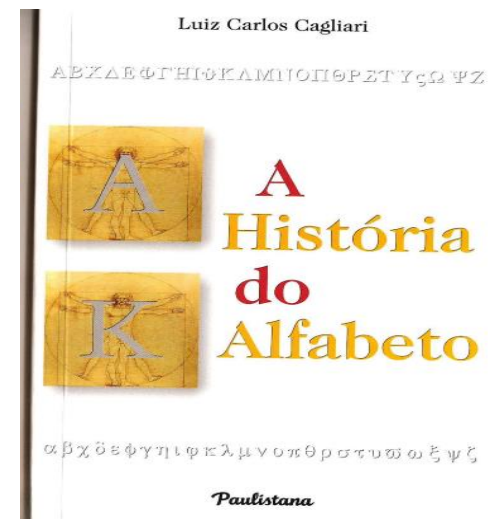
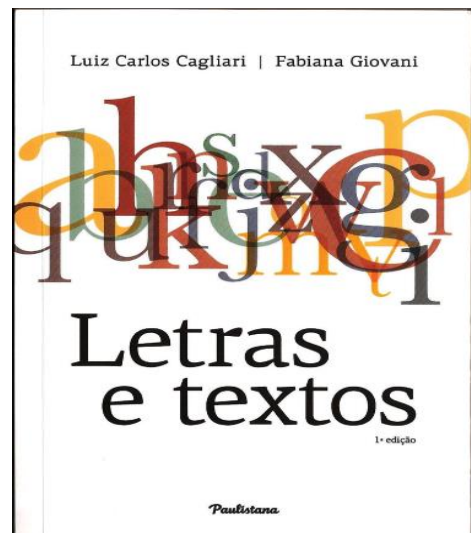
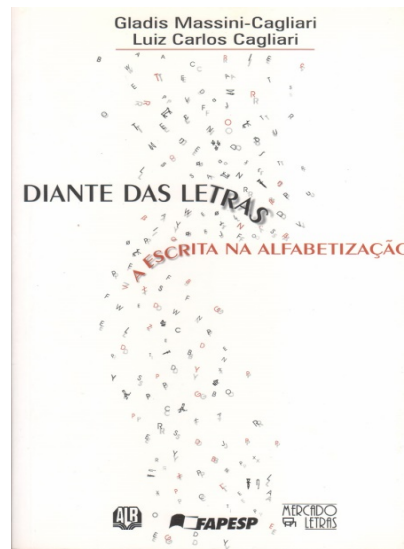
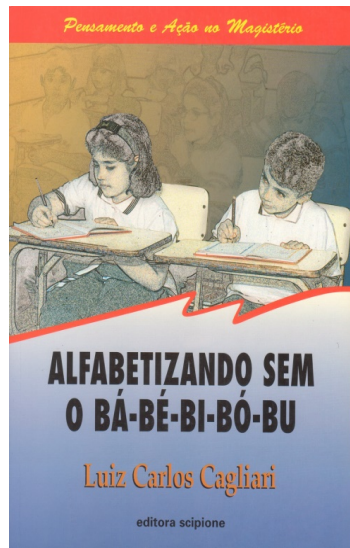
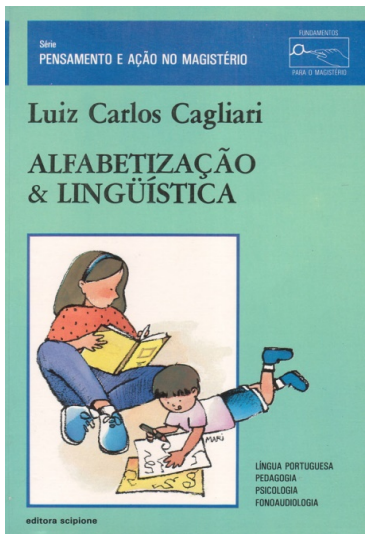
- 1. Quem trabalha com questões linguísticas precisa ter conhecimentos científicos modernos a respeito da linguagem.
- Alfabetização é uma questão linguística.
- Quem ensina em escola precisa ter conhecimentos pedagógicos e metodológicos modernos.
- Não vale tudo na escola: vale o que é cientificamente correto.

- A política educacional moderna (brasileira) acha que o alfabetizador é um profissional de 5ª categoria e que só sabe fazer seu trabalho quando aplica um modelo previamente preparado de ensino e de aprendizagem. Fora disso, é mal profissional.
- É preciso devolver a Educação aos professores, sobretudo a liberdade de trabalho em sala de aula.
- Com autonomia e liberdade de cátedra, o alfabetizador assume mais responsabilidade para fazer com que TODOS os seus alunos se alfabetizem.

- Uma pessoa comum não sabe explicar corretamente como se faz para ler. A decifração e a escrita são processos altamente complexos, e totalmente “abstratos”.
- Subterfúgios metodológicos que acham que se aprende com imagens e jogos lúdicos enganam e não ensinam como as coisas são.
- O Governo precisa acreditar nas escolas. As escolas precisam acreditar nos professores. Os professores precisam acreditar nos alunos. Os alunos precisam acreditar em si mesmos, precisam ter autoconfiança.

- Alfabetizar é saber ler (decifrar) e escrever (com correção gramatical e ortográfica) num processo crescente de conhecimentos, durante todo o Ensino Fundamental.
- Ensinar através de regras não é desrespeitar o aluno, mas confiar na sua capacidade mental.
- Abolir o ensino em função de uma aprendizagem natural é um equívoco. A escrita não favorece uma aquisição natural como a linguagem oral. A escrita precisa ser ensinada.

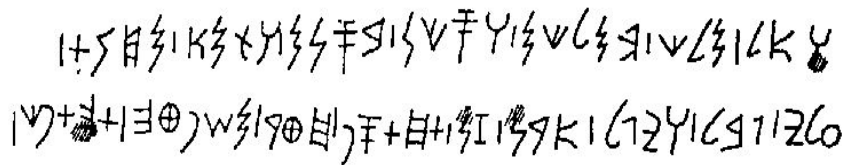
- Finalmente, a escola precisa ser um lugar agradável de aprendizagem, de pesquisa e de realizações interessantes que fiquem na memória os alunos como “dias felizes”.



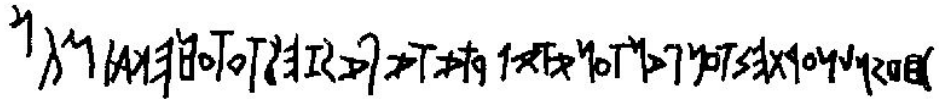
Obrigado !



Escrita proto-sinaítica



Escrita fenícia



Escrita grega antiga



Escrita latina



Vaso etrusco